

Pesquisa mostra que avanço da educação não chega às escolas

17 AGO 1986 JORNAL DO BRASIL

Mostrar que o rico debate das mais avançadas teorias pedagógicas, realizado desde o início da década nas faculdades de educação, ainda não chegou nem perto da escola normal, formadora das professoras que deveriam aplicar esses conhecimentos, é o principal objetivo da pesquisa **A relação teoria-prática em relatos e experiências em ensino de 1º grau: uma contribuição para a formação de professores**, que a educadora Anna Maria Baeta está concluindo para o Instituto de Estudos Avançados em Educação (Iesae) da Fundação Getúlio Vargas.

Depois de escrever, com Angela Dutra, **A formação do professor em escolas normais — um estudo avaliativo e**, com Zaira Brandão, investigar as causas da evasão e da repetência nas primeiras séries do 1º grau em **A Escola em Questão**, Anna Maria Baeta quer agora pesquisar a profunda dissociação entre as faculdades de educação e a escola normal, e desta com a prática real de ensino no 1º grau.

— As faculdades de educação, principalmente na pós-graduação, estão produzindo uma infinidade de novas metodologias, baseadas em teorias pedagógicas, que, ao serem aplicadas na prática, isoladamente numa e noutra escola de 1º

grau, dão muito bons resultados — analisa Anna Maria. “No entanto, as alunas de escola normal não têm acesso nem às teorias, nem às experiências, aprendem um receituário de técnicas que se refletem nos modismos que assolam o 1º grau, como estudo de grupo ou ensino audiovisual, e que, mal compreendidas, não produzem resultado algum.”

A primeira parte da pesquisa, já concluída, é um levantamento do tipo de artigos que predomina atualmente em publicações especializadas como **Educação e Sociedade** ou a **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Para Anna Maria, é notável como, a partir de 1981, começaram a surgir relatos de experiências bem-sucedidas com novas metodologias para o ensino básico. Na década de 70, simplesmente não havia relatos desse tipo, e a explicação para isso, segundo Anna Maria, é uma profunda mudança na concepção que os pesquisadores das faculdades de educação passaram a ter da escola no Brasil.

— Nos anos 70, a influência sociológica predominante no pensamento sobre educação era do filósofo francês Althusser, que via a escola como um instrumento de reprodução da classe dominante pura e simplesmente — explica. “Dentro

dessa perspectiva, não havia nada que o educador pudesse fazer. Com a redemocratização do país e a influência de Gramsci, mostrando a escola como um espaço a ser conquistado, abriu-se a perspectiva de um ensino que, baseado e voltado para a realidade do aluno, pudesse formá-lo cidadão. Isso explica em grande parte a fartura de relatos de experiências bem-sucedidas no ensino de 1º grau”.

Para a segunda parte da pesquisa, Anna Maria Baeta vai voltar a campo visitando as escolas que conheceu durante a preparação de **A formação do professor em escolas normais**. A preocupação agora é averiguar o mecanismo através do qual as teorias de um pensador como Piaget, por exemplo, são reduzidas a meras e repetitivas técnicas de ensino e aprendizagem.

— Os principais problemas da escola normal já são conhecidos: o desprestígio de uma profissão basicamente feminina, um contingente de estudantes muito jovens, pessimamente formados no 1º grau, que sequer dominam os conteúdos que terão de transmitir aos futuros alunos — afirma Anna Maria. “Ainda assim, é preciso buscar a ponte entre o normal e as descobertas que estão sendo feitas nas escolas superiores de educação.”